

O morador de rua: perspectivas conceituais

Street dwellers: conceptual perspectives *Habitantes de la calle: perspectivas conceptuales*

Andréa Cristina Kubota*
Cristiane Brito Pires**
Luís Paulo Neves***

RESUMO: O presente estudo visou, a partir da compreensão da hermenêutica do filósofo Gadamer e do seu conceito de pré-juízos, a propor uma discussão sobre o conceito de moradores de rua, sendo que este conceito se encontra envolvido por muitos preconceitos. Além do fundamentar nesse filósofo para entender melhor as pessoas que vivem em situação de rua, foram utilizados, também, os depoimentos de uma pessoa que teve a experiência de morar nas ruas de São Paulo, e, tendo como base seus relatos, construímos nossos questionamentos a partir dos dados obtidos não só para entendermos essa realidade, como também para conhecermos quais os motivos que conduzem alguém a essa situação, e, por fim, tratamos de diversas outras questões que não são abordadas na grande maioria das pesquisas realizadas. Os depoimentos da moradora de rua, identificada aqui por C. A., são a base para a nossa discussão; também nos permite repensar alguns preconceitos existentes sobre o que leva alguém a ser um morador de rua. Por isso, discutiu-se, com base em outras perspectivas, questões de ordem sócio-econômica e religiosa, o conceito de morador de rua, de modo a possibilitar compreensão e análise mais aprofundadas desta realidade investigada, problemática esta que diz respeito à sociedade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Morador de rua. Classes sociais-análise. Marginalidade social.

ABSTRACT: The present research intends to consider, from an understanding of the hermeneutics of Gadamer, the philosopher, and his concept of pre-judgments, a discussion about the concept of street dwellers, a concept surrounded by many preconceptions. Besides using this philosopher's concept to better understand people who dwell in the streets, we also employed reports by a person who had the experience of living in the streets of São Paulo, and from the stories told we constructed our questions about the methodology used for understanding this reality of the streets, about the reasons that bring people to this situation and finally dealing with several other questions that are not approached in most research on this subject. The reports of the said street dweller, identified here as C. A., are not only the basis for our discussion, but also allows to rethink some existing preconceptions on what makes somebody to become a street dweller. Because of this, we have an argument with other perspectives, with the social-economic and the religious one regarding the concept of street dweller, in order to make possible a deeper analysis of this reality, which relates to society as a whole and therefore must be the object of a broader reflection.

KEYWORDS: Street dweller. Social classes-analysis. Social marginality.

RESUMEN: Esta investigación se propone considerar, a partir de una comprensión de la hermenéutica del filósofo Gadamer, y de su concepto de pre-juicios, una discusión sobre el concepto de habitantes de la calle, un concepto rodeado por muchas preconcepciones. Además de usar el concepto de este filósofo para entender mejor a la gente que mora en las calles, también empleamos informes por una persona que tuvo la experiencia de vida en las calles de São Paulo, y de las historias que nos dijo hemos construido nuestras cuestiones acerca de la metodología usada para entender esta realidad de las calles, sobre las razones que traen a gente a esta situación y finalmente nos ocupamos de varias otras cuestiones que no se abordan en la mayoría de las investigaciones del tema. Los informes de la habitante de la calle, identificada aquí como C. A., no sólo son la base para nuestra discusión, pero también permiten repensar algunas preconcepciones existentes acerca de qué hace a alguien se convertir en un habitante de la calle. Debido a esto, tenemos una discusión con otras perspectivas, la social-económica y la religiosa, respecto al concepto de habitante de la calle, para hacer posible un análisis más profundo de esta realidad, que se relaciona con la sociedad en conjunto y por lo tanto debe ser objeto de una reflexión más amplia.

PALABRAS LLAVE: Habitante de la calle. Clase social-análisis. Marginalidad social.

INTRODUÇÃO

Toda e qualquer situação é passível de interpretações humanas, sendo que são diversas as formas de se compreender e dizer o mundo, a vida e as relações entre as

pessoas. Tendo isso em vista, a presente pesquisa trata de uma questão delicada e complexa: a dos moradores de rua, pois diz respeito a um assunto que apesar de ser discutido por vários estudiosos, parece não ter sido explorado em outras perspectivas existentes.

*Graduação em Filosofia pelo Centro Universitário São Camilo. E-mail: deiaaguilera@yahoo.com.br

**Graduação em Filosofia pelo Centro Universitário São Camilo. E-mail: crisliro@ibest.com.br

***Graduado em Filosofia. Mestre em Educação pela Unesp/Marília. Docente do curso de Filosofia do Centro Universitário São Camilo. E-mail: lpfilos@uol.com.br

De certo que toda leitura sobre uma dada situação parte de um pré-juízo, de uma visão sobre as coisas, ao passo que é com base nesse nosso olhar que colocamos, delineamos o foco com que entendemos o mundo. Não desconsiderando qualquer ponto de vista em relação aos moradores de rua, e também não pretendendo absolutizar a proposta, ou melhor, a *perspectiva* da presente pesquisa, este trabalho indicará a possibilidade de se compreender essa realidade a partir de um olhar hermenêutico, que respeite a alteridade, e com isso se possa considerar de forma mais ampla essas pessoas que se encontram em situação de rua.

Em um primeiro momento, apresenta-se o fundamento para esse olhar hermenêutico com base no pensamento do filósofo Hans-Georg Gadamer, principalmente seus conceitos de pré-juízos e de abertura de horizontes interpretativo. Em um segundo momento, a realidade do morador de rua será discutida, a partir do depoimento de uma ex-moradora de rua. Por questões éticas relativas a sua privacidade, ela será aqui denominada de C. A. Essa ex-moradora de rua viveu tal experiência pelo período de 11 meses, em São Paulo, nas imediações do centro da cidade. Já em um terceiro momento, dialogaremos com concepções sobre o conceito de morador de rua, que partem de outros pressupostos, para com isso ampliarmos a discussão sobre a questão proposta.

Essa investigação, para comprovar a hipótese, objetiva proceder a um estudo explanatório para aprofundar o conhecimento dessa realidade, feito a partir do resgate de memória de C. A., obtido a partir de sua historicidade. Por historicidade entende-se aqui a forma como C. A. selecionou, significou e valorou os acontecimentos pelos quais passou nessa experiência de viver nas ruas. O depoimento ajudou a obter dados mais próximos da realidade dos moradores de rua, ainda que pautados na experiência de uma única pessoa.

Do depoimento, foram, então, selecionados trechos que ilustram questões identificadas e discutidas como mais importantes nesta pesquisa, segundo o critério do que mais se repetiu em seu discurso. Tais questões apresentam-se diferentes das que comumente são indicadas em outras metodologias que procuram definir o morador de rua, como será apontado no decorrer do trabalho.

Não se pretende, com isso, negar nenhuma outra perspectiva em relação ao conceito de moradores de rua, mas sim trazer um novo olhar sobre a questão, que não se

limite aos fenômenos sociais, econômicos e políticos, que obviamente também são de extrema relevância para uma fundamentação desse assunto, mas que de certo modo direcionam a forma como se aborda o problema. De certo que o nosso olhar é, também, uma perspectiva sobre a questão, mas é nisso que se encontra a importância dessa diferente concepção, para podermos tratar desse grande tema que diz respeito a todos, questionando se há outras possibilidades de se tratar da experiência humana.

A HERMENÊUTICA E OS PRÉ-JUÍZOS EM GADAMER

Para que se possa falar sobre a hermenêutica, é preciso, antes, entender como se deu o processo de passagem da racionalidade científica até uma hermenêutica.

Após um período de crise mundial, devido à primeira e à segunda guerras mundiais (1914-1945) e a todas as conseqüências econômicas e políticas que tais guerras desencadearam, houve uma crise não apenas no âmbito material, mas também, e principalmente, uma crise no que se diz respeito ao sentido da existência humana.

E dentro desse momento, percebe-se que, diferente de uma racionalidade técnico-científica, em que se fizeram grandes movimentos tecnológicos e científicos, o pós-guerra procedeu, então, a uma leitura instrumental da realidade. Após esse período, ocorre, pode-se dizer, por necessidade do próprio movimento da história, o surgimento de racionalidades hermenêuticas, que trazem a importância da questão do sentido da existência, fazendo uma leitura antropológica do mundo.

Desse modo, a hermenêutica enquanto método de interpretação, inicialmente dos textos e depois do universo social, histórico e também psicológico, procurou trazer a discussão sobre a relevância do olhar, da visão do sujeito ou do leitor perante a realidade, posto que as coisas são ditas e entendidas com base nas nossas experiências e em sua compreensão. Ou seja, um olhar sobre algo é sempre uma interpretação, um modo de dizer as coisas, de descrevê-las carregado de *subjetividade* e não somente de objetividade.

A consciência histórica é uma das grandes questões do pensamento e da hermenêutica do pensador Gadamer e, portanto, deve ser avaliada mais gradativamente, tendo em vista a importância dessa sua discussão para a presente pesquisa, que visa, com base nesse conceito de hermenêutica e no de pré-juízo, notar como o nosso olhar sobre

o mundo e sobre os “fatos” é envolvido por nossas pré-compreensões do mundo.

Tendo isso em vista, trataremos, então, de como Gadamer indica a história do desenvolvimento desse conceito, de pré-juízo, ao expor que é necessária consciência histórica como fundamentação para uma nova forma ou possibilidade de se compreender a verdade, que transcende os limites da racionalidade científica e de seus métodos, por esta não dar conta de muitas outras partes da existência dos seres humanos. Gadamer dá entender que a compreensão implica sempre uma predição histórica, tendo em vista que a hermenêutica é a própria origem da consciência histórica.

Gadamer, além de trazer uma diferente forma de perceber as metas da hermenêutica e de dar-lhe um novo sentido, também reformula o conceito de pré-juízo, conferindo-lhe uma certa legitimidade, mas que se diferencia de alguns pré-juízos não fundamentados. Qualquer interpretação, segundo Gadamer¹ (p. 360) parte de conceitos prévios, sendo que os pré-juízos do intérprete constituem a sua realidade; e, logo, quando interpreta algo, na sua noção, já estão inseridas as suas experiências, que marcam o seu olhar em relação ao mundo e, portanto, como o expressa, pela sua linguagem. Isto é, pré-juízos são verdades subjetivas existentes, antes da experiência, e que não possuem valoração moral.

Toda interpretação começa com conceitos prévios, isto é, com pré-juízos, que podem mais adiante ser substituídos por conceitos mais “coerentes e adequados”. Por isso, perceber quais são os nossos preconceitos é importante, pois permite uma abertura, ver o horizonte do outro. Desse modo, Gadamer¹ expõe:

“[...] Quando se ouve alguém ou quando se empreende uma leitura, não é necessário que se esqueçam todas as opiniões prévias sobre seu conteúdo e todas as opiniões próprias. O que se exige é simplesmente a abertura à opinião do outro ou à do texto. Mas essa abertura já inclui sempre que se ponha a opinião do outro em alguma relação com o conjunto das opiniões próprias ou que a gente se ponha em certa relação com elas. Claro que as opiniões representam uma infinidade de possibilidades mutáveis (em comparação com a univocidade de uma linguagem ou de um vocabulário), mas destros dessa multiplicidade do opinável, isto é, daquilo em que um eleitor pode encontrar sentido e, enquanto tal pode esperar, nem tudo é possível, e

quem não ouve direito o que o outro está dizendo, realmente, acabará por não conseguir integrar o mau entendido em suas próprias e variadas expectativas de sentido. Por isso também aqui existe um padrão. *A tarefa hermenêutica se converte por si mesma num questionamento pautado na coisa*, e já se encontra sempre determinada por este. Com isso o empreendimento hermenêutico ganha um solo firme sob seus pés. Aquele que quer compreender não pode se entregar, já desde o início, à causalidade de suas próprias opiniões prévias e ignorar o mais obstinado e conseqüentemente possível à opinião do texto – até que este, finalmente, já não possa ser ouvido e perca sua suposta compreensão. Quem quer compreender um texto, em princípio, disposto a deixar que ele diga alguma coisa por si. Por isso uma consciência formada hermenêuticamente tem que se mostrar receptiva, desde o princípio, para a alteridade do texto. Mas essa receptividade não pressupõe nem neutralidade com relação à coisa nem tampouco auto-anulamento, mas inclui a apropriação das próprias opiniões prévias e preconceitos, apropriação que se destaca destes. O que importa é dar-se conta das próprias antecipações, para que o próprio texto possa apresentar-se em sua alteridade e obtenha assim a possibilidade de confrontar sua verdade com as próprias opiniões prévias”¹ (p. 404-5).

O que indica essa passagem da obra de Gadamer¹ é a questão da alteridade do texto, visto que indica a necessidade de se ter uma abertura daquele que quer compreendê-lo, para deixar que o texto fale algo por si mesmo, isto é, ser receptivo a sua mensagem. O que não significa, de modo algum, ser neutro, ou totalmente passivo diante da coisa, como se pudesse haver uma anulação daquele que interpreta. Entende-se, sim, que compreender envolve certa objetividade do texto e a subjetividade daquele leitor.

De fato, o que mostra Gadamer¹ em *Verdade e Método* é que a compreensão ocorre a partir de nossos preconceitos, dos nossos pré-juízos, que vão além dos juízos individuais, mas que se pode dizer que fazem parte da realidade histórica do nosso ser, isto é, esses pré-juízos fazem parte da estrutura da compreensão humana e, portanto, não são arbitrários, segundo o autor.

Compreender, para Gadamer¹, é interpretar; ele não diferencia tais conceitos, visto que compreender é sempre o processo de fusão, junção dos horizontes que são dados por si mesmos. Essa compreensão que se mostra de manei-

ra explícita pela interpretação faz parte de uma estrutura anterior, ou seja, dos pré-juízos do intérprete. Mas ao ler um texto, ou o mundo, ele deve ter abertura para que diga algo por si mesmo, de modo a não lhe impor uma pré-compreensão, mas sim confrontá-lo criticamente, analisando e refletindo sobre as possibilidades ali existentes.

Dentro dessa discussão, torna-se relevante, ainda, falarmos mais atentamente dos pré-juízos, pois esse conceito é o foco da nossa pesquisa. O homem faz parte de um círculo hermenêutico, do qual recebe do passado certas tradições, que interpreta e novamente expressa aos outros, que farão o mesmo processo de apropriar-se dessas tradições e interpretá-las novamente, num círculo incessante.

O pensar hermenêutico parte de três princípios fundamentais, sendo que o que nos interessa é o terceiro, que afirma que nenhum conhecimento é puro, mas sempre acompanhado e até mesmo condicionado por preconceitos. Essa idéia decorre da concepção de homem, que, como ser histórico, está ligado a certas tradições, posto que são essas perspectivas ou tradições que formam os preconceitos.

Diferentemente do significado dado usualmente para a palavra “preconceito”, que o coloca como um “conhecimento errado”, e que faz com que nós não consigamos julgar de forma correta as situações, para Gadamer, o preconceito, ou pré-juízo, não tem esse sentido de falsidade, mas é sim um conhecimento prévio que pode tanto ser verdadeiro como falso. Além disso, os pré-juízos são contingentes, isto é, não é possível neutralizá-los, fazer que deixem totalmente de existir, pois os preconceitos fazem parte da historicidade do homem e, portanto, caminham necessariamente com ele durante toda a sua existência.

Porém, ao dizer isso, não se deve acreditar que o conhecimento do homem deva se limitar aos pré-juízos, visto que isso não permitiria que ele pudesse ter abertura para ler outros textos sem impor-lhes a sua pré-compreensão. E mais, o homem pode tomar consciência de pré-juízos e de alguma maneira dominá-los, desfazendo-se de alguns de seus preconceitos.

Desse modo, o encontro com outros horizontes é possível, pois, mesmo havendo uma distância em relação ao tempo, há uma continuidade das tradições que vão sempre se transmitindo ao outro, devido ao círculo hermenêutico já citado anteriormente. O fato de necessariamente existirem “preconceitos” não significa que somente eles existam. Entendendo que há um ponto de estabilidade que permite a fusão entre os vários horizontes, esse

ponto é dado pela nossa linguagem, que auxilia nessa relação entre o passado e o presente.

Existem os preconceitos que são “legítimos”, isto é, que são parte da caminhada humana. O que se deve entender é que nem todos os pré-juízos são aceitos ou afirmados por causa dessa compreensão sobre o conceito de preconceito, exposto pelo filósofo em questão, e de certo existem preconceitos ilegítimos. E é por meio desse pensamento Gadameriano que a nossa pesquisa consegue levantar e apontar a necessidade de se ter consciência de que *quando compreendemos algo, sempre compreendemos a partir de certos pré-juízos*, mas, ao nos tornarmos conscientes disso, podemos aprender a não absolutizar o nosso olhar em relação ao outro e, dessa forma, permitir que o texto, a situação ou o objeto que for possa expor algo por si mesmo sem que tentemos “impor-lhes” nossa pré-compreensão.

Sendo assim, ao analisarmos o conceito de moradores de rua, faremos com base nas discussões sobre pré-juízos expostas acima, apresentando, então, uma leitura dessa realidade da rua, a partir de uma compreensão que visa a levar em consideração a singularidade desse morador de rua, sem impor-lhes nossa perspectiva sobre o significado dessa experiência que, como entendemos, é única e adquire um sentido diferente para cada um destes que teve ou tem essa vivência.

Por fim, deve ficar claro que não faremos generalizações sobre essa realidade. Isto é, não temos o objetivo de padronizar comportamentos, ou mesmo tentar resolver, responder às diversas, complexas e singulares razões que levam um ser humano a escolher ou ser conduzido a essa situação. Mas visamos a problematizar, trazer para uma nova reflexão alguns pré-juízos que foram instalados sobre esse conceito e que podem e devem ser questionados, tendo em vista que essa situação traz no seu interior grandes questões que parecem não terem sido analisadas segundo a complexidade em que está envolvida.

Não partiremos, então, de pressupostos fechados sobre o que é o ser humano, definindo como ser biológico, psicológico, social e religioso, visto que isso poderia conduzir a um certo determinismo e condicionar o nosso olhar perante a questão que analisaremos.

UMA PERSPECTIVA SINGULAR: O DEPOIMENTO DE UMA EX-MORADORA DE RUA

Começamos, então, por indicar como C. A. compreende, questiona e expressa essa vivência, no seu relato,

e que ela própria indicou como sendo mais importante. Desse modo, vejamos um trecho de sua entrevista:

“[...] Eu sempre questioneei esses ‘jogos’ familiares, esses papéis falsos, nos quais, ou você faz a sua parte, ou está fora. Várias pessoas tentaram me ajudar, mas naquele momento morar nas ruas parecia o mais sensato a ser feito. Quando de fato fui morar nas ruas, vi muitas coisas ruins, mas por outro lado, me sentia muito bem comigo mesma por não ter mais que fingir ser uma pessoa que eu não era, por não ter mais que me calar, quando não concordava com algo – Era esse tipo de ‘liberdade’ que comecei a sentir, claro que depois de um certo tempo, você percebe que não se tem uma liberdade sem limite nas ruas, pois tem que se andar conforme as regras próprias dela [...]”.

Inicialmente é possível perceber que esse trecho de relato de C. A. já faz um questionamento em torno dos papéis familiares que parecem estar relacionados, antes de tudo, com as *funções* que o indivíduo exerce nesse meio, sendo que se não cumprir corretamente o seu *papel*, ele não terá mais espaço dentro da família. Outro aspecto que se indica nesse trecho é a questão da liberdade de poder se expressar enquanto pessoa e ter um relacionamento mais humano em relação aos familiares. E mais, parece que mesmo encontrando na rua várias regras, dentre as quais algumas se diferenciam das de “nossa sociedade”, ainda assim, muitas delas se manifestam em direção à limitação de uma liberdade total à ação humana.

Com base no trecho citado, podemos ver que ao menos na rua C. A. pode ser livre para ser quem era, sem ter que esconder os seus sentimentos. Em vários momentos do depoimento, volta-se a essa questão:

“[...] às vezes penso se o motivo pelo qual eu fui morar nas ruas foi para me conhecer melhor, ou foi por orgulho. Mesmo na rua, sentindo fortemente a exclusão das pessoas, não fazia diferença, pois com a minha família eu já me sentia só [...]”.

Durante todo o desenvolvimento do depoimento, a problemática da família aparece, mas não como questão central, ou eixo fundamental, como pressuposto básico para sua moradia nas ruas. O que C. A. parece nos indicar, com esses dois trechos, é que aquilo que a conduziu a ir morar nas ruas teve como fator relevante uma busca por autoconhecimento, ou mesmo orgulho. Portanto não teve relação fundamental ou intrinsecamente ligada a

uma problemática familiar. Não que C. A. não questione a estrutura da família, visto que em vários momentos ela cita essa questão, mas não coloca como o fator primordial na sua experiência.

Outro dado que pode ser entendido com base nos relatos acima é que a solidão, e mesmo a sensação de exclusão que C. A. vivenciou nas ruas, não era tão diferente daquela que já vivia em seu ambiente familiar. Se nas ruas existe todo um movimento de exclusão por parte das pessoas em relação a esse morador de rua, que muitas vezes é percebido a partir de muitos pré-juízos ilegítimos, por outro lado, em seu depoimento, nota-se que no interior das suas relações familiares C. A. já não se encontrava mais confortável e também se deparava com esse isolamento.

Vemos, também, que, nessa vivência na rua, C. A. se deparou com novos horizontes, com diversas outras situações, e que nesse momento de sua vida se abriu então um leque amplo de reflexões sobre si mesma e sobre o mundo. E, desse modo, familiares e amigos não mais se colocavam como importantes para C. A., nessa sua experiência. O que mais uma vez indica que a família, nesse período da vida de C. A., não se colocava como eixo fundamental nessa discussão.

“[...] Quando lembrava dos meus amigos, familiares, do meu namorado e até mesmo dos objetivos que possuía, nem com essas lembranças eu me sentia melhor, tudo isso parecia fazer parte do passado, freqüentemente pensava nessas pessoas que faziam parte da minha antiga vida, mas naquele momento, elas perderam totalmente o valor para mim [...]”.

Chamamos a atenção também para o significado que ela deu para essa situação em que viveu durante aproximadamente um ano, na qual ela expressa que realmente existem muitos problemas de violência, vícios, solidão e abusos, mas também indica que durante todo esse processo houve muito aprendizado, como podemos notar nesse trecho:

“Posso dizer que a maioria dos dias que passei nas ruas foi de grande aprendizado pessoal, pois nunca pensei que conheceria, veria e sentiria coisas tão diferentes como pude conhecer”.

Nesse outro trecho, vemos como ela aponta para os momentos e situações difíceis em que se encontrou nessa experiência, principalmente em relação aos vícios e ao suicídio:

“Injetei tanto e tão sucessivamente, que as veias do meu braço ficaram roxas, e eu sentia dores muito fortes... além de injetar até não conseguir mais, eu também bebia bastante para ver se chegava logo a uma overdose”.

A sexualidade e a violência também são grandes questões que se colocam nessa discussão, e que são as mais emergentes no diálogo com C. A. e, portanto, aqui nessa pesquisa será problematizada. Nota-se que na compreensão da moradora de rua em questão, um dos grandes problemas nessa sua vivência foi aprender a lidar com a necessidade de relações sexuais apresentada por pessoas que estão nessa situação.

E não somente isso, aponta, ainda, para algumas situações que não são discutidas por aqueles que estudam esse mundo em que estão inseridos os moradores de rua, sendo que ficam obscuras, e são desconhecidas por aqueles que analisam a situação de fora, sem considerar o fato de que muitas das ocorrências do cotidiano dessa realidade são apenas conhecidas por aqueles que vivem concretamente nesse dia-a-dia.

Em outras passagens do depoimento, fica ainda mais evidente o quanto desconhecemos as várias circunstâncias das quais não temos acesso, pois, para expressar essa realidade em sua veracidade, seria preciso viver isso concretamente. Portanto, ao nosso ver, cabe respeitar o relato dessa moradora e o seu modo de dizer a experiência, para nos aproximarmos mais de uma melhor compreensão. Continuando a questão, C. A. expõe: “[...] Não havia como dizer ‘não’ sempre, para os toques íntimos que as pessoas que conviviam comigo [...]”.

A violência sexual aparece sobre diversos aspectos, mas chama a atenção para o abuso no uso do poder de alguns personagens sociais, como veremos nas palavras a seguir:

“[...] certa noite estava eu dormindo, doente e de repente, acordo com este rapaz ao meu lado me abraçando, eu o rejeitava, mas ele continuava. Nós entramos numa luta física [...] eu estava tão nervosa, que saí correndo no meio da rua, pedindo ajuda até que encontrei a rota policial, pedi ajuda a eles, falei o que havia acontecido, e estes policiais pediram para que eu entrasse no carro, que tudo seria resolvido, mas, assim de repente eles pararam no meio do mato, e fizeram tudo o que quiseram comigo, — me estupraram e me ameaçaram dizendo que se eu desse queixa, estaria morta. Depois me levaram para perto da onde eu estava [...] ou seja, fugi de um abuso e acabei sofrendo um maior ainda”.

Nessa problemática, que corresponde a uma grande parte do depoimento, vê-se que esses abusos ocorreram mais de uma vez e de diversas formas, por entidades e pessoas que deveriam proteger e cuidar das pessoas. Mas, segundo os relatos aqui expostos, vemos que muito diferente daquilo que algumas pesquisas sobre a situação expõem, essas instituições ou mesmo os representantes delas (alguns, é claro), não agem de forma humana. Ao contrário, se desumanizam cada vez mais, a ponto de não conseguirem mais enxergar o outro como pessoa, mas sim como mais um número ou objeto, não estabelecendo com ele uma relação entre sujeitos, mas entre sujeito e objeto.

Os moradores de rua se tornam, então, o espelho daquilo que ninguém quer ser: um excluído do sistema, que exclui aquilo que se torna diferente, e, logo, ruim, visto que não contribuiu para a afirmação da ordem social estabelecida. Retornando à questão anterior, se expõe mais um abuso:

“[...] mas, em uma noite muito fria, resolvi passar a noite lá. Tomei banho, comi a sopa que eles distribuem, aliás, diga-se de passagem, mas sem nenhum tom de julgamento, algumas pessoas que trabalham nesses albergues, não sei se devido à rotina, acabam tratando as pessoas como objeto, sem a menor humanidade, sem olhar para aquele que está à sua frente, tentando cumprir o seu papel, mas sem se envolver com aquelas pessoas [...]”.

E ainda continua:

“[...] Resolvi passar a noite num albergue [...] depois de me alimentar, fui dormir e pouco depois as luzes se apagaram — lembrando que neste dia, devido ao frio que fazia, o local estava cheio. Assim, após algumas horas, quando já era madrugada, de repente sinto alguém colocar a mão na minha boca, e depois outros segurando os meus braços e pernas — eram várias pessoas, não sei dizer quantas exatamente, — mas todas tentavam me segurar, para que eu não acordasse aqueles que estavam dormindo — arrancaram as minhas roupas, me bateram muito até que eu parasse de tentar me defender [...] Violentaram-me com toda a agressividade e raiva possível, parecia uma forma que eles tinham de extravasar toda aquela angústia, dor, raiva e violência que possuíam em seu interior [...]”.

O morador de rua, com base nisso que foi exposto, parece não ser entendido como humano, mas como algo sem valor e que pode ser usado como meio de extravasar violências latentes em algumas pessoas. C. A. diz:

“Fui objeto e não tive o poder de escolher aceitar ou não o que aconteceu [...] Do que é capaz o ser humano, quando este não se sente mais parte da sociedade? Do que é capaz quando se sente livre de regras morais?”

Contudo C. A. aponta uma compreensão sobre a moradia nas ruas, indicando uma face dessa realidade que não é apenas entendida por um determinismo, ou como se fosse constituída apenas por experiências negativas e conduzidas por problemas econômicos, sociais, psicológicos e mesmo familiares, como se estes determinassem o fato de se morar nas ruas. Diferente disso, mas não negando essa perspectiva, podem existir inúmeros e diferentes motivos para alguém ir até essa realidade, que pode ou não ser uma escolha, por mais difícil que isso possa parecer para a compreensão de alguns.

Indica, ainda, a positividade da sua experiência: *“Mas, se toda essa experiência teve momentos péssimos, posso dizer que também houve reflexões ‘essenciais’ para a minha vida e que com certeza me transformaram [...]”*.

Ou seja, a situação de rua, como mostra essa história vivida e contada por C. A., não precisa sempre e apenas ser uma situação de sofrimento, dor e que se coloca como problema fundamentalmente de origem familiar ou social; pode ser um momento de grandes descobertas sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo. Pode, ainda, ser um momento de transformação, de relação com o outro e de desvelamento de alguns preconceitos não legítimos que temos sobre as coisas.

Mas para que se possa ter essa abertura, é preciso respeitar a singularidade de cada história, que é sempre uma “compreensão” sobre as coisas, visto que seria interessante dialogar com esses diferentes horizontes, mas para que isso ocorra não se deve impor nossa pré-compreensão sobre um texto, ou situação, caso contrário não conseguiremos fazer essa fusão de horizontes, como já expunha Gadamer.

Sendo assim, segundo C. A.: *“[...] foi uma experiência válida, por me colocar em contato com a complexidade dos seres humanos e por ter me transformado de muitas formas [...]”*.

Disso tudo que foi exposto acima, é possível, então, perceber que a experiência de se viver nas ruas, apesar de ter evidentes problemáticas em relação à sexualidade, à violência, à solidão, à miséria e a tantas outras questões, pode ser entendida de diversas perspectivas, que muitas vezes conseguem extrair dessa situação um momento de

conhecimento de si, de reflexão crítica sobre as suas crenças e pré-juízos, se tornando até mesmo um momento filosófico.

DIALOGO COM AS DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O MORADOR DE RUA

Começamos, então, o diálogo com uma questão muito comum: tratar os moradores de rua como um problema atrelado apenas a uma esfera social, que devemos ajudá-los, reintegrando-os à sociedade, resgatando seus direitos de cidadão, sem se importar com o modo como esses concebem sua própria vivência e o que querem. Essa é uma concepção presente em duas obras com as quais vamos dialogar.

Na obra *O Corpo na Rua e O Corpo da Rua*², procuram-se entender como esse corpo feminino é compreendido pela sociedade, pelo outro e pelas próprias meninas e mulheres que vivem em situação de rua. Desse modo, faz uma abordagem ampla do contexto em que se dá essa concepção de mulher-objeto, analisando essa realidade não somente pelo âmbito social e econômico, mas também pela percepção que elas têm de si mesmas e de seu corpo. Faz, também, uma diferenciação sobre o corpo na rua e o corpo da rua, que se mostram como representações, configurações distintas nesse universo dos moradores de rua. A primeira, o corpo na rua, diz respeito a como essa menina percebe a si mesma nesse espaço; e a segunda, o corpo da rua, remete à idéia de corpo como objeto, como uma quase necessária coisificação do corpo, conduzindo à prostituição. Mas o que se mostra é que, em ambas as configurações, a violência sexual aparece continuamente quando se trata dessa discussão da situação de rua.

Já a obra *População de rua*³ traz a realidade dos moradores de rua para ser discutida buscando meios plausíveis para ajudar e resgatar a dignidade humana dessa população, baseando-se em pesquisas, tendo como ferramenta principal o uso de questionários formulados previamente em entrevistas que levam a uma dada resposta com o objetivo de conhecê-los. Com isso, a obra demonstra ser favorável a melhorias na política pública social que possam atender a suas carências e a dificuldades de se inserir na sociedade. Uma vez apresentadas as duas obras, passemos ao diálogo.

De acordo com essa concepção, a condição de ser morador de rua, na qual se encontram os entrevistados,

é resultado da exclusão social e econômica que originam a fragmentação do indivíduo, tornando-o frágil diante das disputas que a ordem cultural historicamente estabeleceu como papéis aceitáveis, como por exemplo: um responsável por uma família que perca o emprego e não consiga cumprir o seu papel de provedor é desqualificado do seu papel, conseqüentemente gerando uma perda do vínculo familiar ao sofrer essa pressão externa da lei do mercado de trabalho e também internamente por se sentir fracassado.

A idéia de a família ser o eixo que fundamenta e garante essa ordem legitimada socialmente, como na obra *População de rua*, parece ser um fato observável nessa concepção, mas isso implicaria dizer que todos os casos que possam definir um morador de rua se configurariam pela perda desse laço familiar. Isso é problemático, pois, segundo essa perspectiva, acaba-se afirmando que a família é o que estabiliza o ser humano, isto é, confere a ele sentido à sua existência, ao passo que garante sua dignidade humana.

Uma primeira questão é que esse fato descrito acima, em relação à família, não é propriamente a única forma de explicar o caminho que se trilha para tornar-se morador de rua. Mesmo trazendo uma melhor compreensão dessa situação, essa concepção não deixa de afirmar que a maioria desse povo de rua é fruto desse colapso econômico, juntamente condicionado pelo fato social que se configura na perda familiar, sendo que isso abre margem para que o ser perca o sentido de sua existência. No entanto o relato que se segue parece indicar algo contrário a isso. Como dito no capítulo anterior, essa referência será dada como C. A.

“[...] descobri, como posso dizer a verdade daquele mundo em que eu estava inserida, foi como me descobri também, compreender que eu era muito mais, do que a filha, a irmã, a namorada – mais do que um desses papéis que temos que cumprir – perceber que era um ser, sem consciência de quem era, do que poderia fazer, confusa em relação aos seus sentimentos, mas apesar de tantos medos que sentia, resolveu ter a coragem de procurar a si mesma antes que morresse internamente e conseqüentemente externamente – mesmo que essa procura envolvesse muita dor, constrangimentos e até traumas [...]”

Conforme esse relato, olhar de quem viveu tal realidade, segundo nossa perspectiva sobre os moradores de rua, talvez não exista uma única forma de ser da rua. Com isso, pode-se pensar que o ser humano não precisa necessariamente da instituição família para dar sentido à sua

existência, e, diante de uma realidade cruel e excludente, pode haver um autoconhecimento sem precisar ser simbolizado como fracasso social.

Esse relato indica algo que difere dos pressupostos dotados de uma leitura prévia, diagnosticada pelos questionários e entrevistas, que são a principal metodologia utilizada pelos autores da obra *População de rua* e também o será da obra *O Corpo na Rua e O Corpo da Rua*. Vê-se, então, que, ao tentar explicar essa população de rua, eles já estão marcados por seus pré-juízos, que constituem uma teoria prévia para a sua compreensão. Vejamos isso no relato dado por C. A. sobre sua impressão e de seus companheiros:

“[...] É engraçado como as pessoas vêem as pessoas que moram nas ruas, com um olhar tão distante, como se fossem objetos de seu desprezo; um reflexo de tudo o que há de ruim. Como se aquela situação jamais pudesse ocorrer com elas. Digo isso, com base nas pesquisas que eram feitas com os moradores de rua – via-se totalmente o medo, o horror dos estudantes e pesquisadores em relação a aquelas pessoas. A abordagem deles ao meu ver é muito errado, e com o olhar já pré-determinado sobre aquelas pessoas. Durante todo esse processo, muitos estudantes foram fazer pesquisas no local, no qual eu ficava, mas uma me chamou mais a atenção. Certa vez um grupo de estudantes com o seu professor, não sei ao certo qual era a faculdade, foram fazer uma entrevista com os moradores, era visível a ingenuidade deles, era absurdo a falta de noção sobre a realidade. As moças muito bem vestidas, roupas de grife, bolsas, óculos, sacolas, um comportamento que chamava a atenção pois era muito contrastante com aquela realidade. Eles começaram a observar o local, buscando pessoas para poder abordar – uma logo chegou a mim e começou a fazer perguntas do tipo: – Por que você resolveu morar aqui?, o que te levou as ruas?, eu percebi com isso, com essas pessoas, com suas perguntas irrelevantes, não queriam realmente entender aquela realidade, aquelas pessoas, mais sim algo mais superficial – terminar suas pesquisas e depois poder dizer que fez algo bom para alguém; para poder dizer sobre algo que na verdade não conhece que é morar nas ‘ruas’ [...]”

Podemos verificar que além de adotar a rua, espaço público como moradia, em busca de sua sobrevivência, ao garantir essa necessidade básica, eles se sentem livres de quaisquer amarras sociais, já que encontram outros meios e novos hábitos para sobreviver.

Um dos pontos mais relevantes da obra de Gomes², em relação à discussão da presente pesquisa, é poder notar que, se por um lado o livro indica fortemente a importância dos problemas sociais, econômicos e até mesmo culturais, como fatores essenciais e de primeira ordem para se entender o que conduz uma menina a morar nas ruas – tendo em vista como esta foi compreendida na história e pela cultura patriarcal em que se vê fundamentado o mundo ocidental –, por outro lado, o autor do livro mantém certa abertura ao tratar da questão, pois não se limita apenas às conseqüências a que uma estrutura social e econômica desigual pode levar, mas parte principalmente das experiências dessas moradoras de rua, recolhendo as informações com base na história do modo pela qual ela é contada por quem viveu nessa realidade.

Mas no que diz respeito à nossa pesquisa, vemos que a questão da *violência* e da *sexualidade* se destacam nos relatos de C. A. e também nesses livros com os quais estabelecemos um diálogo aberto sobre a situação de rua. O que deve ficar claro é que não se busca, com esse diálogo, anular os pressupostos dessas obras, que trazem diferentes concepções de moradores de rua, que indicam que a base dessa questão seria determinada por problemas sociais, econômicos ou familiares, mas indicar que esses conceitos são perspectivas e que, portanto, o conceito de morador de rua não se encerra por essas diversas concepções, que não abarcam a totalidade do problema, tendo em vista que todo o perfil tem seus limites de compreensão. De qualquer modo, apesar de não anular esses pontos de vista, é importante fazer um questionamento quanto ao método de pesquisa utilizado para compreender e dizer esta realidade, pois o que se nota é que muitas vezes tais perspectivas não conseguem perceber os seus próprios limites e entender que essa experiência de quem vive ou viveu nas ruas pode ter inúmeros fatores que conduziram a essa condição e, por isso, não se pode restringir essas razões de maneira generalizada. Na base da construção do nosso conceito, levamos em consideração as singularidades e complexidade que estão envolvidas nos motivos que levam alguém às ruas.

A violência é um dado abordado por todas as obras aqui discutidas, e que se mostra como um dos grandes componentes que surgem nessa realidade. A obra *O Corpo na Rua e O Corpo da Rua*, diferentemente de *População de rua*, dá enfoque à condição da mulher, das meninas que se encontram nessa situação, sendo que afirma existir

uma ordem social, um sistema e instituições que se fundamentam num patriarcado, no qual as mulheres de certo modo já são entendidas como propriedade do homem, o que gera uma coisificação dessa mulher na sociedade.

Ao tratarmos de uma questão tão delicada como esta, da situação de rua, devemos perceber que são constituídas por elementos singulares, características da história particular de cada pessoa que passou por essas experiências. E por isso é interessante perceber que podem existir muitas perspectivas sobre o significado dessa experiência, isto é, podem existir várias maneiras de se significar essa realidade.

Existe o silêncio, a solidão, o vício, o medo e tantos outros sentimentos que parecem se acentuar nessa realidade. Mas esses sentimentos que caminham com a existência humana são encarados por C. A. de uma outra perspectiva, a qual a rua é encarada segundo um aspecto positivo:

“Às vezes era muito doloroso perceber que, na verdade, ao tentar fugir de alguns problemas, tive que me deparar com um problema maior, o de me autoconhecer, pois é quase inevitável não se pensar em quem você é e o que significa a sua vida [...]”

Uma outra obra é *Peregrinando ao Encontro da Trindade*. Henrique Peregrino⁴ escreve cartas que contam e descrevem uma realidade marcada pela pobreza, carência material e de humanidade. Vidas humanas definhadas, sendo isso agravado e provocado pela ambição dos que acreditam ter o poder de fazer seu trunfo em prol de seus interesses, visando apenas a seu bem-estar e glória de se sentirem poderosos, mesmo que a maioria dos outros pague por essa conta caríssima. Diferentemente das outras obras discutidas e apresentadas para problematizar a questão que define um morador de rua, e que também denuncia esse quadro de miséria humana, aqui o autor é chamado a estar com esses pobres miseráveis marginais da sociedade. O chamado não é um interesse para colher dados em uma pesquisa aprofundada sobre essa população, mas um chamado desinteressado; é a inspiração carismática que o leva a afirmar o voto de ser um peregrino.

Essa concepção do mundo e das pessoas vem enriquecer a nossa discussão, pois traz a perspectiva religiosa marcada pelo pensamento cristão: a comunhão com o outro, sem nada pedir em troca, apenas peregrinar. E ao longo do caminho encontrar seus companheiros de peregrinação, que, mesmo marcados pelo sofrimento,

não deixam de dar luz e alegria à vida, mesmo parecendo não ter: “é o sinal visível da ternura trindade que nos envolve”⁴ (p. 33).

Essa perspectiva, de inclinação místico-religiosa, nos leva a interpretar que o morador de rua talvez possa suportar tanto sofrimento e abandono, pois é algo que implica a sua condição, por estar protegido e acolhido pelo mistério do amor divino. Essa obra nos traz uma leitura e uma concepção acerca do morador de rua da parte de quem também vivenciou essa realidade e teve a experiência de ser um morador de rua, assim como C. A.; por meio de seus diálogos, ambos nos mostram um olhar de dentro e não de fora.

Aponta, ainda, a falta de investimento por parte de políticas sociais que possam atender de forma justa a essa camada da população, excluída. Mas isso ocorre porque os integrantes dessa população de rua não são reconhecidos como pessoas. Quando existe algum programa voltado para atender a essa população é sempre fragmentado, assim como instituições que deveriam acolhê-los, assim como as pessoas que trabalham nelas, tratam esse morador de rua com total indiferença e desprezo. Isso já foi apontado pelos outros autores em outro momento da pesquisa.

Após todas essas discussões, vemos que existem semelhanças e diferenças dessas obras em relação aos depoimentos de C. A., no que diz respeito a sua experiência nas ruas. E é com base nessa perspectiva dada por C. A., que foi moradora de rua, que a nossa pesquisa se fundamentou para poder questionar a metodologia usada para compreender essa realidade. Como vimos pelos relatos dessa moradora, tal metodologia vai muito além do que essas pesquisas de âmbito sócio-político indicam, visto que é composta por vários dados singulares, que na maioria das vezes não são considerados como um fator relevante ao se tratar da situação de rua. Chamamos a atenção, então, para aquilo que Gadamer¹ já apontava: de que é preciso entender os nossos pré-juízos sobre as coisas, para que possamos permitir que algo, alguém ou uma situação se mostre como é, e não impormos as nossas verdades e enquadrarmos ou classificarmos as pessoas.

Antes de tudo, é preciso ter respeito pela singularidade própria da experiência e pela abertura de cada um, e permitir que essa experiência diga algo por si mesma, para que somente assim possa se compreender alguma coisa mais profundamente.

CONCLUSÃO

Ao tratarmos do conceito de moradores de rua, notamos que se encontra envolto em muitas interpretações preconceituosas, e que muitas vezes não correspondem com o que é a realidade concreta dessa experiência de morar nas ruas. Essa experiência pode ser compreendida de diferentes maneiras, do mesmo modo que os motivos que conduzem alguém a essa situação também podem ser diversos. Mas o que parece é que muitas pesquisas transformam em universal vários dados, características e perfis do que seria esse morador de rua.

Sendo assim, para tentarmos compreender o significado dessa experiência, ou seja, nos aproximarmos do que é a situação de rua, também para sermos fiéis à hermenêutica gadameriana e evitarmos interpretações equivocadas sobre o morador de rua, partimos dos depoimentos de C. A., que viveu essa experiência; e que nos traz um olhar singular sobre essa realidade, que, diferentemente das abordagens sociais e econômicas, psicológicas e até mesmo religiosas, indicam outras perspectivas em relação a essa vivência, trazendo seu lado positivo e nos fazendo refletir sobre quanto essa experiência pode ir além das nossas interpretações.

C. A. aponta que essa experiência, ou seja, essa decisão de ir morar nas ruas, não teve como eixo fundamental o problema do núcleo familiar como fator decisivo que a conduziu as ruas, como indica a tese sócio-econômica. Mas sim em busca de autoconhecimento e libertação de alguns papéis, que a sociedade nos impõem como forma de impor verdades e maneiras de agir e ser.

Evidentemente, nós não deixamos de perceber a importância de se analisar esses dados citados acima, mas indicamos e questionamos a metodologia utilizada para obtê-los, que muitas vezes não visam realmente a compreender essa realidade, mas apenas a coletar dados, sem se preocupar com as bases mais profundas e singulares que constituem essa experiência.

Por fim, vemos que, ao tratar uma questão como essa, a de morar nas ruas, são diversos e singulares os aspectos que a constituem. Desse modo, não é possível tratá-los apenas por discursos sócio-econômicos, religiosos e psicológicos, pois eles não abrangem as várias faces que estão inseridas nessa questão. Não basta quantificar os moradores de rua, como se pessoas fossem apenas números,

ou como se essa realidade estivesse totalmente distante de nós, que vivemos numa outra forma de estrutura social. Por mais difícil que possa ser, é necessário irmos além dos nossos pré-juízos, das nossas interpretações, para que possamos compreender o outro e discutirmos, então, a situa-

ção de rua com seriedade e profundidade, percebendo as várias dimensões que a compõem, e não apenas maquiar a situação para que ela pareça mais aceitável para alguns, ou mesmo omitir informações, mas ouvirmos e vermos com outro olhar a experiência de morar nas ruas.

REFERÊNCIAS

1. Gadamer HG. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 8ª ed. Trad de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes; 2007. 612p.
 2. Gomes R. O Corpo na Rua e O Corpo da Rua: a prostituição infantil feminina em questão. São Paulo: Unimarco; 1996. 284p.
 3. Vieira MAC et al. População de rua: quem é, como vive, como é vista. 3ª ed. São Paulo: Hucitec; 2004. 177p.
 4. Peregrino da Trindade H. Peregrinando ao encontro da trindade: cartas da rua e da estrada. São Paulo: Paulinas; 1997. 331p.
 5. Coreth E. Questões fundamentais de hermenêutica. Trad de Carlos Lopes de Matos. São Paulo: EPU; 1973. 202p.
-

Recebido em: 12 de fevereiro de 2008.
Versão atualizada em: 22 de abril de 2008.
Aprovado em: 3 de julho de 2008.